

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO XII Nº 45 VIANA-MA, MARÇO DE 2015



VIANA
257 ANOS DE MEMÓRIA

Editorial

E A ESCOLA DE MÚSICA?

Há muito tempo que apontamos a necessidade de revigorar (ou criar mesmo) nossa escola de música. E nada. Sai prefeito, entra prefeito, e nosso apelo se perde nas águas do lago e da indiferença. Até quando Catirina?

É vergonhoso chamar de escola de música (com letras minúsculas) a que se denomina maestro José Piteira, na Rua Antônio Lopes. O local é sujo, as paredes enegrecidas, porta quebrada, as poucas carteiras que ali se encontram são velhas e o teto está cheio de teias de aranha. Por isso – e não poderia ser diferente – os alunos resumem-se em um pequeno grupo de meninos.

Naquele local insalubre, só os professores merecem respeito pela abnegação com que se dedicam ao ofício de ensinar: Tarcísio de Coracy e João Lobato.

Vários municípios do Maranhão já criaram suas bandas e mantêm escolas de música funcionando. O antigo celeiro de músicos do Estado, a cidade de Viana, que deveria seguir sua tradição, não dá atenção a esse fator cultural e gerador de empregos. Muitos talentos, que poderiam ser aproveitados, perdem-se por falta de oportunidade e de incentivo. Existem muitos órgãos públicos, o próprio Ministério da Educação, dispostos a ajudar iniciativas desse porte. Falta apenas determinação.

Ao longo de muito tempo, Viana gozava do privilégio de ser chamada “Cidade dos Músicos”, pela quantidade desses profissionais que transitavam por suas ruas, enchiam as noites e alegravam a população. Chegamos a ter três bandas completas. Em São Luís, todas as bandas tinham vianenses tocando.

Já tivemos oportunidade de fazer esses comentários, neste espaço, em edição anterior. Mas, parece que estamos pregando no deserto, falando ao vento. Não há receptividade ao nosso apelo. O resultado é continuarmos com um arremedo de escola de música e nossas reclamações soarem como melodias de um disco arranhado, do tempo em que se ouvia discos, na radiola de Dico de Estefânia.

RESIDÊNCIA DA FAMÍLIA TRINDADE

LUIZ ALEXANDRE



Situada à Rua Cônego Hemetério, nº 138, esta morada inteira de tradicional estilo português foi construída, em 1891, pelos descendentes diretos do Tenente José Caetano Borges, dono do antigo Engenho de Açúcar do Timbó e senhor de muitos escravos.

Muito requisitado para a realização de festas e bailes carnavalescos, no século passado, o prédio tornou-se palco do primeiro acidente aéreo ocorrido em Viana: ao anoitecer do dia 6 de julho de 1950, um avião monomotor caiu sobre a cerca dos fundos da casa, depois de assustar a população com voos rasantes sobre a cidade.

Segundo o *Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão*, lançado em 2012, os azulejos que recobrem a fachada do prédio são do tipo “estrela e cruz”, desenho de influência mourisca comumente utilizado pela fábrica Viúva Lamego de Lisboa (Portugal), uma das principais fornecedoras de azulejos para o Brasil no período colonial.

Sem dúvida, entre os sete imóveis azulejados que restam em Viana, este imóvel é o que se encontra em melhor estado de conservação, graças aos cuidados de seu atual proprietário, Sr. João Trindade.

Posse de novo acadêmico

Durante reunião solene a ser realizada no dia 23 de maio próximo (sábado), Elvemir Nunes Franco, estará tomando posse na Academia Vianense de Letras. O novo acadêmico vai ocupar a Cadeira nº8, patroneada pelo padre João Mohana, em substituição ao professor Kalil Mohana (falecido em dezembro de 2010).

Elvemir, mais conhecido como Elves Franco, é formado



em Pedagogia. Apaixonado pelas artes cênicas desde muito jovem, Elves é professor de teatro em São Luís e autor do livro *No Palco da Escola – textos teatrais*, lançado em 2012. Diretor-geral da Companhia Teatral Vianense (COTEV), Elves dirigiu recentemente um Auto de Natal, encenado na Praça da Matriz, em Viana. (veja matéria à página 7)

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Flagrante do baile do Confete

BAILES TEMÁTICOS ANIMARAM O CARNAVAL 2015

O baile da fantasia, realizado no dia 31 de janeiro na sede do Grêmio Recreativo, foi o primeiro evento a convocar os foliões da cidade para a chegada do período momesco. Organizado pelas irmãs Rosélia e Rosenir Oliveira, a festa acontece há dez anos e já entrou para o calendário do carnaval vianense.

O “baile do Confete” e o “baile de Máscara”, respectivamente sob a coordenação das senhoras Sueli Veloso e Dirce Costa, ambos concorridíssimos nos últimos anos, também já estão inseridos na programação carnavalesca local.

Por outro lado, o também tradicional “Carnaviana”, retreta vespertina organizada pela família Cutrim no calçadão do Cantinho de Seu Gegê, reuniu este ano



JOUBERT MATOS

Grupo de foliões no baile do Cunaco quase uma centena de pessoas. De sábado a terça-feira, todas as tardes, os foliões se reuniram para uma animada confraternização ao som das velhas marchinhas de Carnaval.

Cartas recebidas

São Luís, 16/12/14.

Prezado amigo,

É com extrema satisfação e alegria que envio o comprovante da anuidade da assinatura desse EXCELENTE periódico: conteúdo, grafia, ortografia, papel, etc. etc.

Congratulações ao amigo pela excelente qualidade na informação, nas histórias e principalmente por manter viva em nossas memórias os anos dourados da nossa querida Viana.

José Antonio Mohana Pinheiro (Tony Mohana)



São Luís, dezembro/2014.

Prezado Luiz,

Recebi a última edição de nº 44, no qual o Editorial chama atenção das autoridades e dos proprietários dos casarões sobre a perda de monumentos arquitetônicos da nossa cidade.

Estou enviando em anexo a foto de uma pintura em tela da Rua Cônego Hemetério. Só pra se ter uma ideia dessa perda, somente nesse trecho da citada rua: um está em ruínas (sobrado amarelo); outro com o teto desabando onde morou América Dias, o 3º foi demolido pelo então prefeito Walber Duailibe (sobrado de Ozimo de Carvalho) e o 4º também foi demolido (sobrado onde morou Senhor Dico). Portanto alguma providência deve ser tomada no sentido de valorização desse patrimônio.

Áureo Viegas Mendonça



Juiz de Fora (MG), 11/02/15

Prezado Luiz Raposo,

Comunico que renovei a anuidade da assinatura do "O Renascer Vianense" no dia 12 de janeiro de 2015, a fim de continuar recebendo este belíssimo jornal. A leitura deste periódico me traz uma alegria incomensurável, pois me recorda as conversas diárias com meu pai, Oswaldo Pereira Gomes, filho de Viana, de onde parecia nunca ter saído. Recordo nomes, locais e acontecimentos como se lá também tivesse vivido, tão precisos eram seus relatos. Gostaria de contribuir de alguma forma com o jornal.

Priscila Lima Gomes.



Brasília, 16/02/15.

Prezado Luiz,

Lendo as edições anteriores do jornal Renascer, fiquei surpreso em rever fotos de pessoas tão queridas, como a da minha primeira professora (Socorro Serejo) no Estevam Carvalho. Lembro que estudei no Estevam Carvalho até 1965, a diretora era Dona Iraci Cordeiro. Socorro era minha professora nesse ano.

Vi também a Denise Caron (ela é comadre da Alzira, minha irmã, que ficou muito feliz por saber notícias dela); a Gertrudes foi minha professora de francês no Antônio Lopes; e a Guadalupe, era nossa amiga, vinha sempre em minha casa.

Estou quase terminando de ler todas as edições.

Jorge Benedito Silva

FAMÍLIA EMÍDIO CORDEIRO

Lourival Serejo

LUIZ ALEXANDRE

O entrosamento de grandes famílias, nas cidades interioranas, é um fato sociológico natural que se repete com frequência, gerando, inclusive, consequências políticas.

Em Viana, um exemplo bem ilustrativo desse fenômeno, é o entrosamento das famílias de Emídio Cordeiro, Benedito Lima, Senhor Penha e Ozias Mendonça. Todas essas famílias foram unidas pela parentalidade e pela conjugalidade, resultando numa extensão para além de uma simples família.

Em crônica anterior, intitulada *Cordeiro de Deus*, publicada em *O Renascer Vianense*, de agosto de 2012, falei sobre uma parte da família Cordeiro, com destaque para o padre Wilson Cordeiro. De forma indireta, ali já foi tratada da família de Álvaro Lopes Cordeiro, pai do referido sacerdote e irmão de Emídio Cordeiro.

Agora venho falar da família de Emídio Lopes Cordeiro, filho de Anacleto Boaventura Cordeiro e Filomena Lopes Cordeiro, o qual tinha como irmãos Álvaro, Raimunda, Justina, Joaquina, Faustino e João Cordeiro.

Emídio Lopes Cordeiro era natural de Viana, nascido em 23 de março de 1908. Era casado com dona Iraci Rodrigues Cordeiro, filha de Egídio Gonçalves Rodrigues e Maria José Cunha Rodrigues.

O casal teve os seguintes filhos: Emira, Djanira, Maria José, Raimundo, Anacleto, Joseira, Iramar, Emídio e José de Ribamar, todos residentes

em Brasília. Já são falecidos os filhos Raimundo e Maria José. Dessa prole resultaram vinte e quatro netos, trinta e três bisnetos e três trinets.

Com a família, morava a professora Daise Cunha Rodrigues (1911-2003), irmã de dona Iraci. Ambas foram minhas professoras, no Estevam Carvalho. A família de Emídio Cordeiro mudou-se para Brasília em 1972.

Dona Iraci Cordeiro foi diretora do Grupo Escolar Estevam Carvalho, onde era respeitada pelos alunos e pelas suas colegas de magistério. Com seu tirocínio e dedicação, ajudou a educar várias gerações de vianenses. Seu falecimento ocorreu em Brasília, no dia 10 de março de 2010, aos 95 anos. Neste ano de 2015, comemora-se centenário do seu nascimento, ocorrido em Viana, no dia 24 de fevereiro de 1915.

Emídio Cordeiro era comerciante e dono da única tipografia da cidade. Aquela tipografia prestou inestimável serviço a todos os vianenses. Ali eram confeccionados vários tipos

de impressos, como anúncios publicitários, talões de notas fiscais, livretos, santinhos de aniversário e falecimento, talões da Sociedade Mutuária Vianense, etc. Em período de eleição, o trabalho aumentava pela confecção de propaganda dos candidatos municipais e das chapas de votação, o que, à época, era permitido. Segundo me informou Anacleto Cordeiro, a tipografia era manual, formada por um prelo de impressão e tipos metálicos, gravuras e clichês, com os quais eram produzidas as chapas de impressão. Foi adquirida em São Luís, em 1955, de segunda mão. Com a saída da família para Brasília, a tipografia ficou com o sobrinho Antônio Cordeiro.

Emídio Cordeiro faleceu em 14 de agosto de 1994, em Brasília, aos 86 anos de idade.

A casa em que morou a família Cordeiro encontra-se fechada, apesar de ainda manter sua estrutura física intacta. Com sinais externos de abandono, é o espectro melancólico de um tempo deixado para trás.

CAMINHO DE DAMASCO

Júlio Aires

Para Damasco....e eu fui no noturno mistério
Cavalgando um corcel, sem repouso nem tino,
la vencer cristãos, batalhar pelo Império,
Vil soldado do amor, centurião do destino

Corri....a galope pela treva infinita,
Não olhava, em redor, o caminho tristonho
Levava a defender-me entre a gente maldita
A couraça da fé e o escudo do meu sonho

Alta noite, porém, baixa da altura um raio,
Espanta o meu corcel, que tropeça ferido,
Eu me agito, a tremer, salto da cela e caio,
Osculo o pó do chão e me ergo redimido

Fiquei cego....Bem sei que a ti devo esta morte
Dos meus olhos e és tu meu divino carrasco,
Mas vou, por tua mão, amando a minha sorte,
Bendizando, a cantar, a estrada de Damasco

De autoria do acadêmico Júlio Aires, a poesia acima venceu o concurso de poesias "Desembargador Abeylard Pereira Gomes" e foi publicada na revista *In Verbis*, do Instituto dos Magistrados do Brasil (edição nº 42/2014).

POSSE E LANÇAMENTO DE NOVA OBRA JURÍDICA

DIVULGAÇÃO

Lançado no dia 26 de fevereiro último, o livro *ÉTICA E MAGISTRATURA*, do desembargador Lourival Serejo, trata dos comentários ao Código de Ética da Magistratura Nacional e comenta os preceitos deontológicos aplicados à magistratura como princípios norteadores da conduta dos juízes.

De grande pertinência e utilidade para a classe jurídica, o livro foi lançado durante a cerimônia de posse de seu autor como novo membro do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão. Na mesma cerimônia, Lourival Serejo foi eleito Vice-Presidente e Corregedor Regional Eleitoral do referido órgão da Justiça Eleitoral.



O desembargador ao prestar o juramento de posse no T.R.E.

LANÇAMENTO DE LIVROS

É apresentação de Reis encerram o Natal dos Lagos

A Prefeitura de Viana promoveu o lançamento conjunto dos livros **In-surreição de Escravos em Viana-1867** de Mundinha Araujo e **Veias do rio Maracu** de José Raimundo Franco. A iniciativa recebeu o apoio da AVL por se tratar da divulgação de duas obras importantíssimas para o resgate da história e para o entendimento da geografia do nosso município.

Contando com a presença de um expressivo público, o evento aconteceu na sede da Prefeitura de Viana, no último dia 6 de janeiro às 19 horas. A abertura foi feita pelo prefeito municipal, Dr. Francisco Gomes que destacou a importância dos dois trabalhos e elogiou a competência de seus autores. Em seguida o presidente da AVL, Luiz Alexandre Raposo, agradeceu a iniciativa da Prefeitura, realçando também o valor da pesquisa para o conhecimento do passado econômico do município, assim como para a compreensão da singular rede hidrográfica que, anualmente, inunda



Aspecto geral da solenidade



Flagrante da apresentação do grupo de Reis

o território vianense. Por último, os autores usaram da palavra para apresentar seus trabalhos,



Os autores e suas obras



Ao lado da 1ª dama, o prefeito Chico Gomes recebendo o autógrafo dos escritores

frisando cada um as motivações pessoais que os levaram a se debruçar sobre aqueles temas. Mundinha Araujo e José Raimundo Franco destacaram ainda os objetivos que esperam alcançar com a publicação de suas pesquisas.

Após o lançamento e

encerrando a programação do “Natal dos Lagos”, houve uma apresentação do grupo de Reis, tradicional auto natalino que, esquecido por quase três décadas, tem ressurgido nos últimos anos sob a iniciativa louvável das senhoras Maria das Neves e Maria Prego.

Viana ganhou brilho especial no último Natal

LUIZ ALEXANDRE



Acima, a Praça da Bíblia e ao lado detalhe da decoração feita de garrafa pet; abaixo, a Praça São Benedito vista sob dois ângulos

Resultado de uma feliz iniciativa da Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Ação Social Social, que buscou treinamento para os artesãos locais na cidade de Benevides (PA), a beleza da decoração que coloriu a cidade no período natalino ainda é motivo

de comentários e elogios da população local, mesmo já se tendo passado dois meses.

As fotografias acima comprovam, em parte, o espetáculo de luzes que que tanto encantou os vianenses (e visitantes) de todas as idades.

No dia 6 de janeiro estive em Viana, minha terra natal, a convite do Presidente da Academia Vianense de Letras, Luiz Alexandre Raposo, para participar do lançamento dos livros “Veias do rio Maracu” do professor José Raimundo Franco e “In-surreição dos Escravos em Viana-1867” de Mundinha Araujo, evento esse que coroa o encerramento das festividades do *Natal dos Lagos*, com a apresentação de um coral e da encenação de Reis.

Em minha companhia estavam o meu marido e um casal de amigos. Mas qual não foi a minha surpresa ao ver a cidade decorada por artesãos da terra, com motivos natalinos que celebravam o nascimento de Jesus, o Salvador. Este fato inédito encheu-me de encantamento e orgulho.

Parabéns a iniciativa do Senhor Prefeito Chico Gomes e a dedicação da primeira dama, Senhora Alinete, que juntamente com sua equipe planejaram e executaram a decoração da cidade, após treinamentos ministrados por artesãos de Benevides (PA).

Não saberia dimensionar o tamanho da minha alegria, diante da demonstração de satisfação estampada nos olhares dos expectadores, inclusive no meu.

Parabéns Sr. Prefeito, por proporcionar esses momentos de alegria e reflexão cristã ao nosso povo.

Enoi Celeste Sousa Botelho



Enoi com o menino Jesus do presépio armado na Praça da Matriz

JUBILEU DE OURO DA CHEGADA DAS IRMÃS DA ASSUNÇÃO EM VIANA



As irmãs Eileen Pratt, Juliêta Filiatrault, Maria Trottier, Laurence Doyon e Solange Dapuis quando chegaram a Viana

Cinquenta anos depois, o importante trabalho missionário desenvolvido pelas Irmãs da Assunção da Santa Virgem (IASV) ainda repercute na coletividade vianense

Luiz Alexandre Raposo

Elas desembarcaram em solo vianense no dia 28 de janeiro de 1965, atendendo ao convite do então bispo da diocese de Viana, Dom Hamleto de Angelis, que ultimava os preparativos para a fundação da Escola Normal N. S. da Conceição. Conhecedor do excelente trabalho desenvolvido pelas Irmãs da Assunção da Santa Virgem em Alcântara e Guimarães, o bispo havia endereçado uma carta à superiora da congregação, no Canadá, um ano antes, solicitando-lhe ajuda.

De início, vieram apenas três irmãs: Eileen Pratt, Lucille Labarre e Mônica Dallaire. Embora a educação fosse a meta básica da congregação, as religiosas recém-chegadas não pretendiam se limitar somente ao ensino em Viana. Almejavam também participar ativamente das atividades pastorais da paróquia e da diocese. E o foi o que fizeram, depois de conhecer melhor a comunidade local, através de visitas às famílias e encontros com os jovens.

Atuação marcante na educação – Com a fundação efetiva da Escola Normal, em 17 de março de 1966, as irmãs da Assunção assumiram o ensino de várias disciplinas, deixando, entretanto, a direção da nova escola sob a responsabilidade da professora vianense Rosa Maria Pinheiro Gomes. Naquele

início de ano, uma nova religiosa canadense de 29 anos, irmã Juliêta Filiatrault, chegara para ajudar a equipe de Viana. Logo as irmãs passaram a lecionar também no Ginásio Professor Antônio Lopes e no Seminário São José, igualmente recém-fundado por Dom Hamleto. Disciplinas como Inglês, Francês, Matemática, Ciências, Educação Moral e Cívica, além da catequese, eram ministradas pelas irmãs nos três estabelecimentos, elevando a qualidade do ensino local e beneficiando, dessa forma, mais de uma centena de jovens vianenses.

Em fevereiro de 1967, com o falecimento de Dom Hamleto, a Escola Normal precisou se reestruturar para continuar funcionando, pois a instituição era mantida apenas pela diocese (sem receber qualquer subsídio do Estado). Chegada há apenas um mês à cidade, irmã Maria Trottier decidiu reunir professores, alunos e pais de alunos para colocá-los a par da situação crítica que ameaçava a escola. Além de concordarem com o aumento do valor de suas mensalidades, os estudantes iniciaram uma campanha para arrecadar fundos, organizando festas, bingos e peças de teatro. Os professores, por sua vez, aceitaram diminuir seus salários. E assim a Escola Normal sobreviveu, sendo reconhecida oficialmente pelo Conselho Estadual de Educação em 19 de novembro de 1968, poucas semanas antes de formar sua primeira turma, quando então passou a receber ajuda do Governo

do Estado.

Por essa época, a equipe IASV já contava com a colaboração da carismática irmã Laurence Doyon que, desde o início do ano letivo de 1968, dedicava-se com especial desvelo às aulas de Matemática e Ciências, ministradas tanto na Escola Normal como em várias turmas do Ginásio Antônio Lopes. No ano seguinte, com a chegada das irmãs Berta Lavoie e Solange Dapuis, intensificam-se as atividades das religiosas: enquanto a primeira presta assistência social aos pescadores, domésticas, mães, operários e necessitados, a segunda concentra sua atuação no ensino da catequese e orientação pedagógica aos professores.

Ação pastoral difícil e conflituosa – O livro “Audácia e Esperança”, que registra o apostolado missionário das Irmãs da Assunção no Brasil, durante o período de 1956 a 2006, dedica um capítulo a Viana e Santa Inês. Sua autora, a irmã Georgette Desrochers, não trabalhou em nenhuma das duas cidades, mas colheu o depoimento das companheiras de congregação para escrever a trajetória das IASV na Diocese de Viana.

Segundo a obra, as atividades da pastoral diocesana não caminhavam de mãos dadas por conta de conflitos existentes entre seus próprios agentes, o que acabava minando as energias das religiosas canadenses. Com a posse do segundo bispo, Dom Francisco Hélio Campos, em agosto de 1969, renovaram-se as esperanças das irmãs, em face do declarado apoio recebido do novo pastor, conforme ali descrito: *Ao grupo IASV, Dom*

Hélio manifesta sua apreciação pela sua admirável compreensão do povo; sua inserção na ação pastoral diocesana; sua abertura à renovação e sua vida fraterna que veste dimensões de caridade evangélica.

Reanimadas e cheias de otimismo, as irmãs se engajaram, então, na formação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), convictas de que um passo muito importante estava sendo dado em direção à unidade da diocese local. No entanto, dois anos depois, os problemas de saúde de Dom Hélio e suas viagens a Fortaleza em busca de tratamento, durante meses, ocasionaram uma série de desentendimentos que pouco a pouco iriam corroer o trabalho e o ânimo das religiosas. Em Santa Inês, embora recebidas de braços abertos pela população local e pelo pároco padre Odilo, as irmãs se veem impedidas também de continuar o trabalho pastoral por causa dos mesmos conflitos. Reuniões e assembleias realizadas não conseguiam promover o entendimento com os agentes e o próprio Dom Hélio. Vítimas de acusações infundadas, inclusive de desvios de dinheiro, as IASV praticamente se viram obrigadas a deixar a Diocese de Viana, em janeiro de 1974.

Ao todo, foram nove anos de dedicação e serviços prestados pelas irmãs da Assunção em prol da promoção humana e do fortalecimento da fé do povo de Deus, em Viana e Santa Inês. Elas partiram, mas certamente não foram inúteis seus esforços e sofrimentos em nosso meio, pois como sintetiza a autora do livro “Audácia e Esperança”, *nada daquilo que foi realizado por amor é feito em vão.*



As irmãs Eileen Pratt, Juliêta Filiatrault, Maria Trottier (falecida em 25/08/13), Laurence Doyon, Lucille Labarre, Mônica Dallaire e Solange Dapuis em 1998



As religiosas canadenses Eillen Pratt, Mônica Dallaire, Julietta Filiatrault e Lucille Labarre



As irmãs Eillen Pratt e Maria Trottier comemoram com as alunas o primeiro aniversário de fundação da Escola Normal

Diz o ditado popular que “recordar é viver” e assim volto no tempo para relembrar momentos marcantes de uma época áurea que tive o prazer e a graça de participar na escola Normal Nossa Senhora da Conceição.

Quanta saudade dessa escola fantástica, cuja missão primordial era preparar os futuros professores, trabalho esse sustentado por um corpo docente constituído em sua maioria pelas irmãs canadenses que faziam do magistério um verdadeiro sacerdócio.

Irmã Laurence Doyon, irmã Lucilla Labarre, irmã Monica Dallaire, irmã Berta Lavoie, irmã Eileen Pratt e a incansável Irmã Maria Trottier, nossa orientadora pedagógica. Jamais poderia esquecer

essas mulheres vocacionadas que se dispuseram a servir a Deus com tamanha abnegação, deixando seu país de origem e o convívio de suas famílias, para trabalharem pelo próximo de terras tão distantes!

Sem desmerecer o mérito dos demais professores vianenses, posso afirmar que foi uma experiência maravilhosa para todos aqueles estudantes que, como eu, conviveram com essas mestras excelentes e delas receberam formação e informação sólidas do ensino médio ou talvez até um pouco mais.

Vários alunos saídos da Escola Normal conseguiram aprovação no então temido vestibular, em São Luís, o que comprovava a eficiência do ensino ali ministrado.

Em outras palavras, com o importante auxílio das irmãs da Assunção, naquele tempo, a escola já promovia a educação de qualidade tão propalada hoje em dia.

Como integrante da 3ª turma de professores formada pela Escola Normal, em 1970, sinto-me privilegiada por ter feito parte dessa geração de estudantes. Deixo aqui, portanto, em nome de todos aqueles colegas, nossa eterna gratidão a essas religiosas que, através da mais genuína doação cristã, souberam marcar nossas vidas de maneira tão grandiosa e positiva.

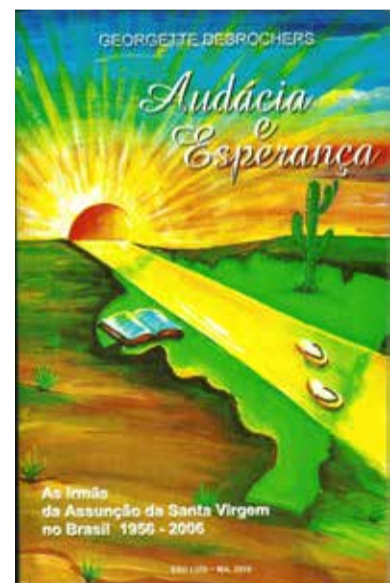
Vitória Santos
Professora aposentada
e titular da Cadeira
nº 21 da AVL



Irmã Laurence Doyon com alguns dos concludentes do Ginásio Antonio Lopes de 1969 (da direita para esquerda: Raimundo Perna, João Vianey Mendonça, os irmãos Roland e Milaid Gomes Costa, e Nonato Cutrim

Para saber maiores detalhes sobre o trabalho das IASV e os conflitos que culminaram com o desligamento delas da Diocese de Viana, o livro “Audácia e Esperança” pode ser encontrado na Biblioteca Pública Municipal, nos Centros de Ensino N. S. da Conceição e Dr. José Pereira Gomes.

Vale destacar que a obra peca em apenas um detalhe, quando se refere ao padre Eider Furtado Silva como “o homem mais poderoso de Viana, chefe da municipalidade e da paróquia. Rico em terras e em gado, ele controla todos os postos-chave: escolas, fazenda da diocese, pastagens etc.” Certamente tais informações foram mal entendidas pela autora ao ouvir os depoimentos das religiosas que trabalharam em Viana.



O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo (Reg. 0000821-MA)

e-mail: luiz.raposo@uol.com.br

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459, Viana – MA CEP: 65.215-000

ASSINATURA ANUAL DO RENASCER

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 40,00 (quarenta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

Nº da conta: 13.365 – 5

Nº da agência: 2972 – 6

Depois envie uma mensagem para luiz.raposo@uol.com.br comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep).

Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio.

Aos já assinantes que desejem renovar a assinatura, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito.

No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).

BIBLIOTECA MUNICIPAL OZIMO DE CARVALHO

Fundada em 31/12/1915, a biblioteca completa um centenário neste ano de 2015

Lourival Serejo

Em edição anterior, o editorial deste jornal apontou o descaso em que nossa Biblioteca Pública se encontra. Nada aconteceu. O estado de abandono continua. Agora, voltamos a falar da mesma biblioteca, que traz o nome do seu inspirador: Ozimo de Carvalho.

Na carta transcrita ao lado, temos toda a história dessa Biblioteca, narrada pelo próprio autor. É uma carta de desabafo, através da qual tomamos conhecimento de que aquela semente de conhecimentos, plantada no último dia do ano de 1915, completa 100 anos de fundação, neste ano de 2015.

Uma cidade que tem sua biblioteca pública centenária é um privilégio. Mesmo tendo ficado muitos anos desativada, o simbolismo da data é de inegável importância. No editorial a que nos referimos, já foi dito que as novas bibliotecas não são meros depósitos de livros. São lugares de promoção da cultura, das letras e de encontros. Bem dirigidas, elas podem movimentar a comunidade por meio de eventos e atrações. Por isso, tornar-se atrativa para novos leitores é um desafio para toda biblioteca pública. A aquisição de livros e equipamentos novos (computadores etc.) é a forma mais imediata de atrair leitores.

Atualmente, uma sombra de indiferença envolve a classe estudantil vianense, fato que se reflete do baixo nível revelado pelas avaliações oficiais recentemente divulgadas. Os estudantes não querem mais ler. Não por falta de



Com visível aspecto de abandono, o prédio que abriga a centenária biblioteca

livros, mas por falta de interesse, de curiosidade.

Uma biblioteca bem organizada e bem dirigida é a melhor demonstração do nível cultural

de um povo. O viajante que procura a biblioteca pública de uma cidade qualquer e a encontra bem cuidada leva a impressão de que, naquele lugar, se cultiva o estudo



Aspecto interno da biblioteca com as fotografias dos patronos da AVL no alto

e a pesquisa.

Já aconteceu de eu estar em Vitória, no Espírito Santo, tomar um táxi e ir até a cidade de Viana, que fica na zona metropolitana daquela capital. Fui direto à biblioteca para fazer uma pesquisa sobre a origem do nome daquela cidade homônima à nossa. O táxi ficou esperando, enquanto fiz a pesquisa, que só foi possível e sem perder muito tempo, porque estava tudo organizado em seu devido lugar. A pessoa que me atendeu forneceu-me o material que eu precisava. Saí de lá satisfeito.

Já é tempo – cem anos é muito tempo – de termos uma biblioteca à altura da nossa tradição cultural. Esta data comemorativa é a oportunidade para sacudir o marasmo que impede de levar a sério o significado de uma biblioteca para uma cidade, principalmente quando se trata de uma cidade histórica como a nossa.



Sala de leitura com o quadro do fundador da biblioteca, o ex-prefeito Leonel Alves de Carvalho

Viana, 19 de dezembro de 1961.

Exmo. Sr. Des. Diretor da Cidade de Pinheiro.

Li, há dias, em seu conceituado semanário, um telegrama do Deputado Renato Archer ao Des. Prefeito Municipal, dando a alvissareira notícia de ter sido aprovada pela Câmara dos Deputados uma verba de um milhão de Cruzeiros para a Biblioteca Municipal dessa próspera e progressista cidade. Essa notícia, tão grata aos pinheirenses, provocou-me um vivo sentimento de inveja, de funda mágoa e desalento, por ver os pinheirenses tão diligentes e interessados no progresso e desenvolvimento de sua Biblioteca, enquanto os vianenses empenham-se obstinadamente em destruir a sua.

A Biblioteca Municipal de Viana bem podia ser uma das melhores do interior do Estado, visto já ter mais de quarenta anos de existência. Em 1915 meu pai então Prefeito do município, a instância minhas, adquiriu uma coleção completa dos 24 volumes da Biblioteca Internacional de Obras Celebres, com os quais a 31 de dezembro de daquele ano, como seu último ato, inaugurou a Biblioteca Municipal de Viana, regulamentando-a e nomeando uma comissão para dirigi-la da

qual fazíamos parte o saudoso Amâncio de Aquino, eu e outro, comissão essa que logo entrou em atividade. Em pouco começaram a chegar os donativos de livros. O esforçado amigo de Viana, Francisco Couto Fernandes, mudando-se então para o Rio de lá enviou por diversas vezes mais de cem volumes; os Deputados Pereira Rego e Raul Machado deram outros tantos e assim outros donativos menores, mas igualmente valiosos, de obras de ficção, de ciências, de filologia (uma coleção de obras de Cândido de Figueiredo doado com outros livros, por M. Trajano Rodrigues).

Mas sobreveio em 1925 a queda do Cel. Campelo da chefia política do município e desde então entrou em declínio a instituição. Nos tempos da ditadura que foi para Viana uma calamidade pública os livros e demais publicações foram parar amontoadas como pedras no chão úmido dum quarto escuro e, apesar do contínuo afluxo de obras de todo gênero remetidas pelo Instituto Nacional do Livro e por alguns particulares, o número de delas diminuiu visivelmente, por constante distribuição entre amigos e apaniguados. E o roubo continuou até que, no dia seguinte ao da posse do Prefeito Luís Couto, em fevereiro de 1951, do antigo patrimônio só encontramos doze livros

franceses, que foram deixados por serem franceses. Tudo o mais fôra desviado, roubado, destruído. Tudo, tudo! Na administração anterior consumara-se o exício criminoso. Mas não durou muito essa fase de <apagada e vil tristeza>. Poucos dias depois raiou novo sol de esperança com a chegada inesperada do prestimoso vianense Tenente José Raimundo Pinto Costa, trazendo cem livros uniformemente encadernados e com dedicatória para a Biblioteca. Criamos alma nova. O Prefeito Luís Couto baixou novo regulamento e nomeou um bibliotecário que assistia diariamente à sala, atendendo à crescente frequência de leitores e de pessoas que iam retirar livros por empréstimo, numa fagueira promessa de melhores dias para a nossa cultura. Escreveu-se ao Instituto Nacional do Livro, comunicando a reorganização e pedindo a remessa de livros, que logo começaram a chegar. E os particulares, restabelecida a confiança na nova administração municipal, por sua vez voltaram a oferecer obras de valor, de modo tal que, no primeiro semestre de 1956, quando exerci a Prefeitura como presidente da Câmara Municipal, já existiam perto de quatrocentos volumes devidamente numerados e catalogados, além de numerosos relatórios, revistas,

folhetos, opúsculos e outras publicações oficiais e particulares.

E hoje? Hoje aconteceu o impossível. Considerando que biblioteca é coisa inútil e dispensável, o atual Prefeito, sem dar satisfação a quem quer que seja, tomou uma decisão expedita e radical: acabou com ela. Já não existe mais a Biblioteca Municipal de Viana. Acha incrível isto, Sr. Diretor? Pois não é, acredite. E veja se tenho ou não razão de invejar os pinheirenses de sentir a imensa mágoa de ver a minha infeliz terra, tão maltratada, tão desmoralizada, tão vilipendiada, tão desgovernada, e roubada por seus próprios filhos, vianenses de duzentos anos, mas com a esperança de que algum dia venha outro forasteiro como Luís Couto, dar novo impulso de progresso, de organização e zelo, restabelecer o princípio de autoridade, a probidade, eficiência e moralidade na administração e moralidade municipal.

Peço-lhe desculpas, não só da veemência de linguagem deste desabafo, como do tempo que acabo de lhe roubar com a leitura desta carta, da qual pode fazer o uso que achar conveniente.

Confessando-me seu amigo e admirador,
firmo-me cordialmente
OZIMO DE CARVALHO



O nascimento do menino Deus encenado por atores vianenses

FOTOS: TONINHO RABELO



Elves Franco

Na noite de 22 de dezembro de 2014, como parte da programação do “Natal dos Lagos”, realizado pela Prefeitura Municipal de Viana, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Educação, apresentamos o espetáculo teatral “O Auto do Natal”, encenado por alunos-atores da rede municipal de ensino.

Para a seleção dos estudantes que comporiam o elenco, critérios básicos, como a inclinação de cada um para a arte cênica e principalmente o desejo de se expressar através do teatro, foram decisivos. A preparação vocal dos coristas e solistas, que deram um toque especial à apresentação, ficou ao cargo do professor e maestro Daniel Martins (Daniblue).

Assim, depois de todo um treinamento de corpo e voz junto aos novos atores, encenamos uma das mais conhecidas e narradas histórias bíblicas, o nascimento de Jesus Cristo. O local escolhido para a apresentação foi a Praça da Matriz, num placo construído em frente ao Palácio Episcopal.

De forma ativa, a comunidade fez parte da montagem teatral pelas mãos hábeis das costureiras que confeccionaram os figurinos, dos marceneiros que construíram os cenários compostos por montanhas e um céu



O anúncio do anjo, a visita de Maria a Isabel, a chegada de Maria e José em Belém e a visita dos Reis Magos foram cenas que prenderam a atenção da plateia que lotou a praça

estrelado e dos pintores, responsáveis pelos acabamentos. E por fim, dos técnicos da iluminação, que conseguiram dar um clima místico às cenas do espetáculo.

Tendo como fundo musical,

clássicos como *Adeste Fidelis*, *Noite Feliz*, *Anoiteceu*, entre outros, o auto se iniciou com as figuras de anjos que anunciavam as profecias de Isaias sobre a chegada do Salvador, seguido das

cenas que mostravam a visita do Anjo Gabriel a Maria, a visita de Maria à sua prima Isabel, a busca desesperada de Maria e José por um abrigo em Belém, e finalmente o ápice, o nascimento de Jesus, sob o brilho dos fogos de artifício que iluminaram o céu vianense.

Ao percebermos o encantamento da plateia ao assistir um espetáculo dessa natureza, normalmente tão raro de acontecer em Viana, sentimos nossas forças se renovarem para o grande desafio de resgatar a cultura vianense dos áureos tempos de Cóia Carvalho e Anica Ramos, que realizavam grandes e belíssimos espetáculos de pastorais e reissados na cidade.

Por outro lado, o mais importante de tudo isso é a valorização da cultura, da arte e do entretenimento, dos quais a população vianense e principalmente os jovens muitas vezes ficam às margens, embora a Declaração Universal dos Direitos Humanos preconize, em seu artigo XXVII, que “toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do processo científico e de seus benefícios”.

Quem sabe, esta nossa tentativa não seja um recomeço? O fato é que a semente foi mais uma vez semeada, cabendo a cada um de nós regarmos e cuidarmos, para que nossa cultura possa florescer novamente.

MAIS UMA ESTRELA NO CENÁRIO MUSICAL VIANENSE

Maria da Graça Mendonça Cutrim

Que no passado Viana foi um celeiro de músicos, isso já sabemos, mas é sempre uma satisfação quando descobrimos mais um profissional vianense que ajudou a construir a fama musical de nossa cidade. Desta vez falaremos do maestro Nélio Cícero Muniz, filho do casal Onozor Azevêdo Silva e Maria Muniz, e irmão de dona Eli e de dona Mundoquinha Barros (esta última muito conhecida em Viana, no passado, como exímia bordadeira de lombos de boi).

Nélio Muniz nasceu no dia 8 de abril de 1934. Na infância demonstrava forte interesse por mecânica de carros, mas influenciado pelo ambiente cultural da cidade naquela época, aos poucos essa paixão foi cedendo espaço para a música. Assim, aos 12 anos, já se tornara aluno do mestre Zé Piteira com quem inicialmente aprendeu a tocar pistom. Mais tarde, com a familiaridade maior das notas musicais, passaria a tocar também sax alto, sax tenor, trombone e bateria.

Aos 16 anos, ainda adolescente, Nélio foi morar com os tios maternos Raimundo e Corina Morgado, no Rio de Janeiro, quando ingressaria no Corpo de Fuzileiros Navais. Pouco tempo depois, devido à extinção da corporação, o ex-fuzileiro foi remanejado pela Marinha para servir no 5º Distrito Naval, em Florianópolis (SC), quando passou a se apresentar como músico na Sociedade Filarmônica Comercial daquela cidade.

Em 1956, aos 22 anos, o jovem músico se casou com a catarinense Marilza Lopes Muniz, com quem teve três filhos: Nelida, Meire e Cícero. O casal ainda adotaria mais uma filha, chamada Nélia Cristina. Nesse meio tempo, o músico vianense decidiu prestar concurso para

a Polícia Militar de Santa Catarina, ingressando ali como sargento em 1960. Ao todo foram 35 anos a serviço da PM, até aposentar-se como tenente em 1985.

Formando novos músicos – Nesse mesmo ano, o veterano instrumentista foi convidado pelo então presidente da Sociedade Musical União Tijuquense, Fernando Correa de Melo, para ministrar aulas duas vezes por semana no município de Tijucas, situado a apenas 50 quilômetros de Florianópolis. A proposta era muito tentadora. Além de preencher o tempo ocioso ocasionado pela aposentadoria, seria um trabalho prazeroso e gratificante, já que a Sociedade Musical União Tijuquense tinha como objetivo incentivar crianças, jovens e adultos ao exercício das aptidões musicais.

Assim, passaram-se 17 anos de idas e vindas semanais entre as duas cidades, enfrentados com renovado ânimo e disposição. Afinal, nada mais recompensador para um mestre do que ver muitos de seus jovens alunos abraçarem a música com paixão e se tornarem excelentes profissionais. O êxito nesse trabalho conduziria o maestro Nélio Muniz à presidência da Sociedade Musical União Tijuquense, em setembro de 2001.

Cidadão Tijuquense – Durante todos esses anos, naturalmente, boas amizades foram conquistadas em Tijucas, o que impulsionou o maestro, em 2002, a fixar residência definitiva nessa pequena cidade do litoral catarinense que o adotou como filho.

Aos 70 anos, depois de enviuvar, seu Nélio contraiu um segundo matrimônio, em 2005, com Inalva Silva Muniz com quem vive até a atualidade. Em 2007, ele esteve em Viana para visitar sua irmã, dona Mundoquinha (falecida no ano seguinte), e demais familiares.



Hoje, prestes a completar 81 anos, Seu Nélio continua em plena atividade, agora como maestro da Banda Sociedade Musical União Tijuquense. Nesses últimos trinta anos de trabalho, o maestro já perdeu a conta de quantos jovens ensinou a arte da música e também de quantas vezes se apresentou em ocasiões festivas em Tijucas e municípios adjacentes.

O maestro Nélio Cícero Muniz é, portanto, um remanescente daquele tempo, não muito distante, em que Viana exportava músicos para outras cidades, inclusive de outros Estados. Assim como Onofre Fernandes (que fez carreira em Belém do Pará), ou João Balby (que se destacou tocando em várias orquestras do Rio e São Paulo), entre outros, ele também soube levar a fama da boa música vianense além-fronteiras do Maranhão, inserindo desse modo seu nome na galeria daqueles profissionais que ajudaram Viana a manter, durante décadas, o honroso título de “Cidade dos Músicos”.

FOTOS: ARQUIVO DA FAMÍLIA



O prefeito de Tijucas entregando ao maestro Nélio o troféu em reconhecimento ao seu trabalho na Sociedade Musical União Tijuquense



O maestro regendo a orquestra na comemoração do jubileu de ouro da Sociedade Musical União Tijuquense, em julho de 2007



Durante uma solenidade, o maestro vianense e seus músicos



Em frente à sede da Sociedade Musical Tijuquense, o mestre Nélio com alguns alunos